



# Mulheres

Osamu Dazai

Osamu Dazai



Estação Liberdade

Mulheres

OSAMU DAZAI

# Mulheres

Tradução, notas e posfácio

Karen Kazue Kawana



Estação Liberdade

© Editora Estação Liberdade, 2022, para esta tradução

PREPARAÇÃO Fábio Fujita

REVISÃO Larissa Luersen e Valquíria Della Pozza

EDITOR ASSISTENTE Luis Campagnoli

SUPERVISÃO EDITORIAL Letícia Howes

COMPOSIÇÃO Caroline Costa e Silva

IMAGEM DE CAPA Uemura Shoen (1875-1949), *Vaga-lume*, tinta sobre seda, 1913;  
Yamanate Museum of Art

EDIÇÃO DE ARTE Miguel Simon

EDITOR Angel Bojadsen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

D318m

Dazai, Osamu, 1909-1948

Mulheres / Osamu Dazai ; tradução Karen Kazue Kawana. - 1. ed. - São Paulo :  
Estação Liberdade, 2022.

272 p. ; 21 cm.

“Coletânea de contos”

Apêndice

ISBN 978-65-86068-61-0

1. Contos japoneses. I. Kawana, Karen Kazue. II. Título.

22-77397

CDD: 895.63

CDU: 82-34(520)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

26/04/2022 27/04/2022

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

EDITORA ESTAÇÃO LIBERDADE LTDA.  
Rua Dona Elisa, 116 | Barra Funda  
01155-030 São Paulo – SP | Tel.: (11) 3660 3180  
www.estacaoliberalidade.com.br

## Sumário

NOTA DA TRADUTORA	9
A luminária	11
A estudante	21
As tenras folhas das cerejeiras e o assobio misterioso	69
Pele e coração	79
Sem que ninguém saiba	103
O grilo	115
Chiyojo	133
A humilhação	151
8 de dezembro	163
À espera	177
História de uma noite de neve	181
A esposa de Villon	189
Osan	221
Madame Hospitalidade	239
POSFÁCIO	251
O autor	253
Os contos	261



## Nota da tradutora

Mantive o título dado por Dazai à coletânea publicada em 1942 que reunia seus contos com narradoras-protagonistas. Espero que os leitores apreciem sua peculiaridade e que eles despertem o desejo de se aprofundarem na obra desse escritor.

Conservei algumas palavras e expressões em japonês quando achei que uma paráfrase faria com que o sentido original se diluísse e acrescentei explicações resumidas sobre alguns elementos históricos e culturais em notas de rodapé. Os nomes japoneses seguem a convenção ocidental, com o prenome primeiro e o sobrenome familiar depois.

Sou grata à professora doutora Neide Hissae Nagae, pelo apoio, pela paciência e pelos questionamentos que me auxiliaram na tradução dos textos durante meu mestrado em língua, literatura e cultura japonesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; e também ao Osmyr por ter me introduzido à literatura japonesa.



## A luminária

Quanto mais me justifico, menos acreditam em mim. As pessoas demonstram cautela. Sinto saudade e tudo o que eu quero é ver suas expressões, mas elas me recebem como se perguntassem: “O que ela está fazendo aqui?” É horrível!

Já não tenho vontade de ir a lugar algum. Escolho uma hora em que já escureceu até para ir ao banho público aqui perto. Não quero que ninguém veja meu rosto. Ainda assim, sinto que a claridade de meu *yukata*<sup>1</sup> pairando na noite escura de verão é terrivelmente conspícua, uma sensação tão penosa que tenho a impressão de que vou morrer. Esfriou bastante ontem e hoje. Logo estaremos na época da sarja e penso em comprar um quimono escuro simples feito com esse tecido o mais rápido possível. Passarei o outono, o inverno e a primavera vestida assim, mas, quando o verão chegar, não conseguirei sair por aí trajando um *yukata* sem estampas. Ao menos no próximo verão, quero poder vestir sem receios um quimono com estampa de glórias-da-manhã. Quero caminhar no meio da multidão em dias festivos com uma maquiagem leve; só de imaginar o deleite que essa ocasião irá me proporcionar, meu coração bate mais forte.

---

1. Tipo de quimono leve, geralmente feito de algodão, usado no verão.

Eu roubei. Não posso negar. Não que eu me orgulhe disso. No entanto... Não! Contarei desde o início. Deus é minha testemunha, não confio nas pessoas, acredite quem quiser.

Sou a filha única de um humilde fabricante de tamancos. Na noite passada, eu estava sentada na cozinha fatiando cebolinhas. “Mana!”, ouvi uma criança gritar chorosa no terreno baldio atrás de casa. Parei de fatiar as cebolinhas e pensei que, se eu também tivesse uma irmã ou irmão mais novo que chamasse por mim choramingando, talvez eu não me encontrasse na minha situação atual. Lágrimas mornas vieram aos meus olhos por causa da cebolinha. Enxuguei-as com as costas das mãos, mas o cheiro dela apenas se tornou mais acentuado. Mais e mais lágrimas vieram aos meus olhos sem que eu pudesse contê-las.

Foi neste ano, quando as folhas das cerejeiras surgiam, que a cabeleireira passou a espalhar o boato de que eu, a garota caprichosa, estava apaixonada. As barracas começavam a vender íris e cravinas nas noites de celebrações nos templos. Eu me sentia feliz. Mizuno vinha ao meu encontro após o anoitecer; antes que o sol se pusesse, eu já havia trocado de roupa, me maquiado e entrado e saído pelo portão de casa inúmeras vezes.

As pessoas da vizinhança observavam meu comportamento e diziam que Sakiko, a filha do fabricante de tamancos, estava enamorada. Descobri depois que elas apontavam o dedo na minha direção sem que eu percebesse, cochichavam, riam. Meus pais também deviam ter percebido, mas não diziam nada. Estou para completar vinte e quatro anos. Ser pobre explica um pouco por que

ainda não me casei ou não tenho um noivo, mas isso não é tudo. Minha mãe era a concubina de um conhecido proprietário de terras da cidade, mas foi morar com meu pai sem demonstrar nenhuma gratidão pelo antigo benfeitor. Vim ao mundo logo em seguida. Meus olhos e nariz não são parecidos nem com os do proprietário de terras nem com os do meu pai. Meus pais acabaram sendo marginalizados e tratados como párias por algum tempo. É natural ser tratada com frieza, tendo nascido nessa família. Entretanto, com essa minha aparência, é provável que eu recebesse o mesmo tratamento ainda que tivesse nascido em berço esplêndido. Mas não guardo rancor de meu pai. Nem de minha mãe. Sou filha dele. Independentemente do que os outros digam, acredito nisso. Meus pais cuidam de mim. De minha parte, também me preocupo com eles. Ambos são frágeis. Eu mesma fico cheia de dedos com eles. É preciso proteger com especial gentileza as pessoas sensíveis e inseguras. Eu pensava em suportar qualquer sofrimento e dor pelos meus pais. Depois que conheci Mizuno, no entanto, acabei negligenciando um pouco esse dever filial.

Tenho vergonha de contar isto. Mizuno era um estudante da Escola de Comércio cinco anos mais jovem do que eu. Mas peço que me compreendam. Não foi uma escolha minha. Conheci Mizuno na primavera, na sala de espera do consultório de um oftalmologista perto de casa. Tive um problema no olho esquerdo e fui passar em uma consulta. Sou o tipo de mulher que gosta de alguém à primeira vista. Como eu, ele trazia uma gaze branca sobre o olho esquerdo e virava as páginas de um pequeno

dicionário com a testa franzida e uma expressão de desconforto. Parecia não estar bem. Eu também estava aborrecida com aquele olho coberto. Observava através da janela da sala de espera as folhas novas da castanheira, que pareciam arder em chamas esverdeadas envolvidas pelo ar quente. Todas as imagens exteriores faziam parte de uma terra distante de contos de fadas. Até mesmo o rosto de Mizuno não devia ser deste mundo, de tão belo e aristocrático. Aquilo certamente era fruto da vertigem produzida pela gaze sobre o meu olho.

Mizuno era órfão. Não tinha ninguém que lhe fosse próximo.

Era filho de uma família de comerciantes de produtos farmacêuticos consideravelmente abastada. Sua mãe morreu quando ele era bebê, e seu pai, quando tinha doze anos. Seus dois irmãos mais velhos e sua irmã mais velha foram separados e ficaram a cargo de parentes distantes. Mizuno, o caçula, foi criado pelo administrador do negócio, que o matriculou na Escola de Comércio. Apesar disso, ele não se sentia muito à vontade e levava uma vida solitária. Afirmava, com veemência, que os momentos em que caminhávamos ou estávamos juntos eram os únicos que o animavam. Ele também sofria muitas privações. No verão, contou que iria à praia com amigos, mas não demonstrava animação com a ideia; ao contrário, parecia até abatido. Foi na noite desse mesmo dia que pratiquei o crime. Roubei uma roupa de banho masculina.

Entreí na maior loja de departamentos da cidade, a Daimaru, e fingi que examinava peças femininas. Enrolei rapidamente uma roupa de banho preta que estava atrás

delas e a escondi debaixo do braço. Saí da loja demonstrando tranquilidade, mas dois ou três minutos depois ouvi alguém berrar atrás de mim:

— Ei, você!

O pânico foi tão grande que tive vontade de dar um grito. Saí correndo feito uma louca.

— Ladra! — Ouvi uma voz vociferar às minhas costas. Levei um golpe nos ombros e tropecei. Quando me volvei, alguém estapeou o meu rosto.

Fui levada ao posto de polícia. Uma multidão se amontoava na frente do local como um formigueiro. Eram todos rostos familiares. Meus cabelos estavam desgrenhados e minhas pernas escapavam do *yukata*, deixando os joelhos expostos. Uma aparência indecente.

O policial me fez sentar em uma sala estreita nos fundos do posto e começou o interrogatório. Era um tipo desagradável, de cerca de vinte e sete ou vinte e oito anos, com um rosto pálido e oval, e usava óculos de aros dourados. Perguntou meu nome, meu endereço e minha idade. Anotou tudo em um caderno. Então, deu um sorriso malicioso.

— Contando esta, foram quantas vezes? — perguntou.

Senti a minha espinha gelar. Não sabia o que responder. Se ficasse ali sem dizer nada, seria posta na cadeia. Receberia uma grande pena. Precisava de uma desculpa sagaz, procurava desesperadamente por palavras para me defender. O que poderia argumentar? Estava desorientada, nunca senti tanto medo. Um tanto histérica, consegui balbuciar qualquer coisa de forma desajeitada e afoita. No entanto, depois de começar a falar, era como se tivesse

sido possuída por alguma entidade, não conseguia mais parar, como se eu tivesse enlouquecido:

— Não me prenda! Não tenho culpa. Vou fazer vinte e quatro anos. Cuidei de meus pais durante toda a minha vida. Servi meu pai e minha mãe com dedicação. O que fiz de errado? Nunca fiz nada pelo qual pudesse ser condenada. Mizuno é uma pessoa exemplar. Ele certamente será alguém importante na vida. Eu sei disso. Não queria que ele passasse vergonha. Ele iria para a praia com os amigos. Eu queria que ele tivesse o necessário para seu passeio, isso é um crime? Posso ser estúpida, burra, mas só queria que Mizuno estivesse impecável. Ele vem de uma família distinta. É diferente dos outros. Não me importo com o que aconteça comigo desde que ele tenha sucesso, isso é o que importa para mim, o resto não me interessa. Tenho um dever a cumprir. Não posso ser presa. Nunca fiz nada de errado por vinte e quatro anos. Não é verdade que me dediquei aos meus pobres pais? Não, você não pode me prender! Não há motivo para me prender! Trabalhei e trabalhei durante vinte e quatro anos, e só porque certa noite minha mão se confundiu, só por isso, esses vinte e quatro anos, quer dizer, minha vida inteira será destruída? Isso é um absurdo! Está errado! Não faz sentido! Só porque, uma única vez na vida, sem querer minha mão direita afastou-se trinta centímetros, significa que costume roubar? Isso é demais! É demais! Não vê que não passou de um incidente isolado que durou dois ou três minutos? Ainda sou jovem. Tenho uma vida inteira pela frente. Viverei da mesma forma, suportando privações. Só isso. Nada irá mudar. Sou a mesma Sakiko de ontem. Uma

roupa de banho, isso pode incomodar o senhor Daimaru? Não há quem minta e extraia mil, dois mil ienes? Não há quem se aproprie das economias de uma vida e, ainda assim, seja elogiado? A cadeia é feita para quem, afinal? Só os pobres são presos! Com certeza só os fracos e honestos, incapazes de enganar os outros. Como não são ardilosos o suficiente para enganar os outros e levar uma boa vida, sem alternativas acabam fazendo coisas estúpidas, roubam dois ou três ienes e têm que passar cinco ou dez anos na cadeia. Ha, ha, ha! Que coisa sem sentido! Que diabos! Ah, quanta bobagem, não é mesmo?

Eu devia mesmo estar louca. Com certeza, estava. O policial me observava fixamente com o rosto pálido. Comecei a sentir afeição por ele. Eu chorava, mas, ao mesmo tempo, tentava forçar um sorriso. Acabei sendo tratada como uma débil mental. O policial me conduziu à delegacia com grande cuidado, como se lidasse com uma doente com feridas infectas. Passei a noite em uma cela, meu pai veio me buscar pela manhã. Mandaram-me para casa. No caminho de volta, ele só perguntou se me bateram e ficou quieto.

Quando vi o jornal vespertino, meu rosto ficou completamente ruborizado. Havia um artigo sobre mim. A manchete dizia: MESMO UMA LADRA TEM OS SEUS MOTIVOS: A FLUÊNCIA E A RETÓRICA DE UMA GAROTA DE ESQUERDA. A humilhação não terminava ali. Os vizinhos ficavam vagando ao redor de casa, a princípio sem que eu entendesse direito por que faziam aquilo, até me dar conta de que desejavam ver meu estado. Fiquei desconcertada. Aos poucos, comecei a entender a dimensão do meu ato; se houvesse algum veneno

em casa naquela época, eu o teria tomado de boa vontade. Se houvesse um bambuzal por perto, teria entrado nele e me enforcado sem pestanejar. Nossa loja permaneceu fechada por dois ou três dias.

Passado algum tempo, recebi uma carta de Mizuno:

*Sakiko, você é a pessoa em quem mais confio neste mundo. No entanto, falta-lhe instrução. Você é uma mulher honesta, mas, devido ao meio em que cresceu, possui alguns defeitos. Tentei corrigi-los, mas há pré-requisitos indispensáveis. A educação é imprescindível para o ser humano. Fui à praia com alguns amigos para um banho de mar. Discutimos longamente sobre a necessidade de o ser humano ter ambições. Em pouco tempo, seremos pessoas importantes. Você também, Sakiko, e a partir de agora deve agir com prudência e reparar ao menos uma parte de seu crime, pedindo perdão à sociedade. Ela abomina o crime, não a pessoa que o cometeu. Saburo Mizuno.*

*PS. Após a leitura, queime esta carta e seu envelope. Não se esqueça de fazer isso!*

Esse era todo o conteúdo da carta. Tinha me esquecido de que Mizuno, acima de tudo, era de família rica.

Os dias espinhosos passaram e tornaram-se mais amenos. Esta noite, meu pai disse que a luz da luminária da sala estava muito fraca e depressiva e a trocou por uma mais potente, de cinquenta watts. Meus pais e eu jantamos iluminados pela claridade da luminária. Minha mãe pousou a mão com os hashi sobre a testa e disse bastante animada: “Quanta luz, quanta luz!” Pus mais arroz na tigela

de meu pai. “No fundo, nossa alegria consiste em pequenas coisas, como trocar a lâmpada da sala”, pensei. No entanto, aquilo não me deixou triste; ao contrário, a pálida luz acesa por nossa família parecia um caleidoscópio muito bonito. “Se quiserem espiar, espiem! Pais e filha, há beleza aqui!” Uma felicidade serena irrompeu em meu peito e quis anunciá-la até mesmo para os insetos do jardim.



“**Diferentemente do passado**, ele não se cansou de me bajular, me deixando envergonhada e desconfortável. Dizia que eu estava bonita, elegante, assim por diante. Coisas insuportáveis e claramente obsequiosas. Era como se eu fosse sua superior ou algo do tipo. Empregava palavras de uma polidez excessiva. Ele se voltou para meus pais e começou a falar sobre os meus tempos na escola elementar de forma desagradável e repetitiva.

Tradução do japonês e posfácio

**Karen Kazue Kawana**

ISBN 978-65-86068-61-0



9 786586 068610